

Psicopatia: características pessoais percebidas por uma amostra comunitária brasileira.

Psychopathy: Personal characteristics perceived by a Brazilian community sample.

Psicopatía: características personales percibidas por una muestra de la comunidad brasileña.

Jean Ramon Souza Gamarra¹
Giovana Veloso Munhoz da Rocha²
Paula Saffaro Bueno³
Andrielly Bombachini de Moraes⁴
Marlon De Brito Weber⁵
Rubiane Bressan dos Santos⁶
Pedro Afonso Cortez⁷

¹ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. e-mail: jeangamarra.psico@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-4356-5426>

² Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. Email: gimunhozdarocha@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3441-2460>

³ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. e-mail: saffarobueno@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6902-3698>

⁴ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. e-mail: andrielly_bombachini@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0001-7749-1504>

⁵ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. e-mail: webermarlon383@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-8916-3698>

⁶ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. e-mail: anibressan@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-4276-686X>

⁷ Universidade Federal de Uberlândia, MG. e-mail: pedro.cortez@utp.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-0107-2033>

Contribuição J.R.S.G.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final do artigo. G.V.M.R.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final. P.S.B.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final. A.B.M.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final. M.B.W.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final. R.B.S.: concepção, design, aquisição de dados, elaboração do manuscrito, revisão e concordância com a versão final. P.A.C.: elaboração do manuscrito, análises de dados, revisão e concordância com a versão final.

Resumo

As percepções da população em geral sobre a psicopatia é um tema ainda desprovido de informações científicas no Brasil, sendo fundamental informar o público com vistas a dirimir a estigmatização social que a desinformação pode gerar. O objetivo do estudo foi identificar a percepção de uma amostra comunitária brasileira acerca da psicopatia, a fim de avaliar as características atribuídas aos psicopatas e de quais fontes são advindos esse conhecimento. Trata-se de um estudo correlacional com recorte temporal transversal do tipo *ex post facto*. A amostra foi composta por 1.276 participantes, sendo, em sua maioria, do gênero feminino (75,9%), universitários (29,6%), empregado(as) (30,7%) e profissionais autônomos(as) (22,8%). A coleta de dados foi realizada por meio de instrumento do tipo *survey*, sendo um questionário *online* composto por 21 questões. A maioria dos participantes obteve informações sobre psicopatia em fontes não científicas, como filmes e séries (73,5%) e internet/Google (62,1%), enquanto também afirmaram utilizar fontes científicas: artigos (45,8%), livros (49,4%) e cursos (36,6%). De modo geral, a pesquisa apontou estigmas gerados pelo midiático, enquanto algumas características de psicopatia foram condizentes à literatura. O estudo destaca a necessidade de promover a conscientização sobre a temática para minimizar o estigma cultural e possibilitar o acesso as informações científicas sobre psicopatia.

Palavras-chave: psicopatia; estigma; percepção social.

Abstract

The general population's perceptions of psychopathy are a topic that still lacks scientific information in Brazil, and it is essential to inform the public to mitigate the social stigmatization that misinformation can lead to. The goal of this project was to identify the perception of a Brazilian community sample regarding psychopathy, to evaluate the characteristics attributed to psychopaths, and from which sources this knowledge is obtained. This is a correlational study with a cross-sectional *ex post facto* time frame. The sample consisted of 1,276 participants, the majority of whom were female (75.9%), university students (29.6%), employees (30.7%), and self-employed professionals (22.8%). Data collection was conducted using a survey-type instrument, which was an online questionnaire consisting of 21 questions. Most participants obtained information about psychopathy from non-scientific sources, such as films and series (73.5%) and the Internet/Google (62.1%), while they also stated using scientific sources, including scientific articles (45.8%), books (49.4%), and courses (36.6%). In general, the research showed stigmas generated by the media, while some characteristics of psychopathy were consistent with the literature. The study emphasizes the need to promote awareness of the topic, minimize the cultural stigma, and enable access to scientific information on psychopathy.

Keywords: psychopathy; stigma; social perception.

Resumen

La percepción de la población general sobre la psicopatía es un tema que aún carece de información científica en Brasil, y es fundamental informar al público para resolver la estigmatización social que la desinformación puede generar. El objetivo del estudio fue identificar la percepción de una muestra de la comunidad brasileña sobre la psicopatía, para evaluar las características atribuidas a los psicópatas y de qué fuentes proviene este conocimiento. Se trata de un estudio correlacional con un marco temporal *ex post facto* transversal. La muestra estuvo compuesta por 1.276 participantes, la mayoría mujeres (75,9%), estudiantes universitarios (29,6%), empleados (30,7%) y profesionales autónomos (22,8%). La recolección de datos se realizó mediante un instrumento de investigación, un cuestionario en línea que consta de 21 preguntas. La mayoría de los participantes obtuvieron información sobre la psicopatía de fuentes no científicas, como películas y series (73,5%) e internet/Google (62,1%), aunque también afirmaron que utilizaban fuentes científicas, como artículos (45,8%), libros (49,4%) y cursos (36,6%). En general, la investigación destacó los estigmas generados por los

medios de comunicación, mientras que algunas características de la psicopatía coincidieron con la literatura. El estudio considera la necesidad de promover conciencia sobre el tema, minimizar el estigma cultural y posibilitar el acceso a información científica sobre psicopatía.

Palabras clave: psicopatía; estigma; percepción social

Introdução

O termo psicopatia sofreu diversas mudanças e interpretações desde os séculos XIX e XX (Lilienfeld et al., 2018). Na origem direta do que hoje é sabido, Hervey Milton Cleckley, psiquiatra americano, publicou em 1941 o livro *“The Mask of Sanity”* (“A Máscara da Sanidade”), um marco na descrição do padrão dito psicopático, demarcando o estudo contemporâneo da psicopatia. Cleckley (1976) já apontava que a psicopatia é marcada pela ausência de remorso ou culpa, pobreza e frieza nas relações afetivas, além de superficialidade e equilíbrio social (Lilienfeld et al., 2018). O interesse, e por quê não dizer fascínio, pelo tema psicopatia, extrapola os limites da ciência e é, em grande parte, alimentado pelo público leigo. Uma evidência é a profusão de filmes e seriados de sucesso sobre supostos psicopatas. A mídia acaba por reforçar estereótipos, e desta forma, não utiliza seu alcance para informar fidedignamente (Lewandowsky et al., 2022).

Robert Hare, psicólogo canadense reconhecido por impulsionar as pesquisas sobre psicopatia, é uma das principais referências na contribuição para o conhecimento existente sobre o tema. Hare (1970) descreveu o psicopata como um indivíduo incapaz de demonstrar empatia ou preocupação pelo outro, que manipula e usa as pessoas para satisfazer seus desejos. Além disso, Hare foi responsável pela criação da *The Hare Psychopathy Checklist* (PCL, 1980), instrumento de avaliação de traços de personalidade e comportamentos relacionados à psicopatia, atualmente em sua segunda versão

revisada, *The Hare Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R) (Hare, 1991, 2003).

A escala PCL-R (Hare, 1991, 2003) é o instrumento predominante para avaliação clínica e forense de psicopatia, sendo fruto de mais de 40 anos de pesquisas, traduzido e validado em cerca de oito países. A escala avalia um construto superordenado (psicopatia), sustentado por quatro facetas restritas de primeira ordem (Interpessoal, Afetivo, Estilo de Vida e Antissocial), e dois fatores amplos de segunda ordem, denominados Fator 1 (Interpessoal/Afetivo) e Fator 2 (estilo de vida/antissocial) (Hare et al., 2022). A identificação precoce de traços de psicopatia em crianças e adolescentes também pode ser avaliada por meio de instrumentos específicos, como a *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL:YV, Forth et al., 2003), para adolescentes de 12 a 18 anos; e a *Antisocial Process Screening Device* (APSD, Frick & Hare, 2001), voltada para crianças de 6 a 13 anos. Entretanto, esta detecção precoce de traços psicopáticos pode apresentar distintos padrões de comportamentos e não está associada diretamente à psicopatia na infância e adolescência, mas somente à identificação de seus precursores e à sua avaliação de risco na vida adulta (Farrington, 2005; Rocha & Busato, 2016).

Desta forma, a psicopatia pode ser definida como um construto clínico composto por um grupo de traços e comportamentos interpessoais, afetivos e comportamentais, incluindo mentira, manipulação, irresponsabilidade, impulsividade, busca incessante por estimulação, baixo controle comportamental, afeto superficial, falta de

empatia, culpa ou remorso, e ainda uma série de comportamentos antiéticos e antissociais, não necessariamente criminosos (Guay et al., 2018). É um construto complexo que envolve comportamentos diversos e variações de traços de personalidade (Hauck Filho et al., 2009; Lilienfeld et al., 2019; Silva et al., 2019). Assim, a psicopatia é compreendida como um construto multidimensional, apresentando notória significância, especialmente na área forense (De Brito et al., 2021).

Quanto à etiologia, a psicopatia não possui causas lineares e parece ter aspecto multifatorial ligado a fatores ambientais, neurobiológicos, psicológicos e comportamentais (De Brito et al., 2021; Hauck Filho et al., 2009). Em termos gerais, é comumente reconhecido que um elemento substancial da variabilidade no comportamento antissocial é atribuído a fatores genéticos, embora estes sejam afetados pela interação entre genes e o ambiente (Hare et al., 2012). Assim, fatores genéticos desempenham um papel significativo, mas não causal, na explicação da inter-relação de traços de psicopatia. Pode-se considerar que a psicopatia é erroneamente tratada como sinônimo de Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), mas Hare et al. (2012) afirmam que esta relação é assimétrica. A complexidade dos construtos difere em um número significativo de traços e comportamentos, o que encontra suporte em evidência empírica ao tema produzido em contexto brasileiro (Jesuino et al., 2021). Adicionalmente, basta verificar que, para avaliar TPAS, são avaliados sete itens, sendo que, com a presença de três itens, o referente código do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Texto Revisado (DSM-5 TR, American Psychiatric Association, 2022) poderá ser utilizado,

enquanto, de acordo com a PCL-R (Hare, 2003), 20 itens precisam ser avaliados.

Em síntese, estima-se que a incidência de TPAS na população geral seja de até quatro vezes mais do que a de psicopatia. Essa afirmação é consonante a investigação de De Brito et al. (2021), a qual indica que 80 a 90% dos psicopatas preenchem critérios para TPAS, enquanto, dentre os indivíduos que preenchem critérios de TPAS, aproximadamente de 25 a 40% cumprirão critérios para psicopatia. Além disso, há um consenso na literatura de que a prevalência de psicopatia seja superior em homens do que em mulheres (Hare et al., 2003; Neumann et al., 2012; Sanz-García et al., 2021). De modo geral, homens psicopatas apresentam comportamentos mais impulsivos e agressivos, bem como maiores déficits de empatia quando comparados a mulheres psicopatas (Gomes & Almeida, 2010).

Mais recentemente, Mokros et al. (2015) conduziram uma pesquisa com prisioneiros, objetivando proceder a uma análise de perfil latente (LPA) por meio de uma abordagem centrada na pessoa, para identificar diferentes perfis de acordo com os fatores da PCL-R. Este método permite encontrar classes latentes homogêneas ou subgrupos. A LPA é um modelo probabilístico, alternativo à análise de *cluster* tradicional, utilizado para identificar com maior probabilidade grupos homogêneos de uma amostra. Na pesquisa de Mokros et al. (2015), foram selecionados 1.451 prisioneiros com escores entre 27 e 30 pontos na PCL-R, a qual possui pontuação máxima de 40 pontos.

Mokros et al. (2015) encontraram, após proceder às análises, três grupos que foram nomeados Psicopatas manipuladores (LC1), Psicopatas agressivos (LC2) e Sociopatas (LC3). LC1 e LC2 seriam diferentes formas de psicopatia, ou seja,

variáveis fenotípicas, enquanto LC3 é descrito como um subtipo de agressor que mais provavelmente preenche critérios apenas para o TPAS, apresentando comportamentos externalizadores severos. Utilizando, por exemplo, a classificação de Blackburn (2006), LC1 e LC2 poderiam ser considerados tipos de psicopatia primária (maior presença de problemas afetivos e interpessoais), enquanto LC3 da secundária (maior presença de problemas comportamentais). Maiores níveis acadêmicos e de inteligência foram encontrados em LC1 (Mokros et al., 2015). Já nos LC3, com a presença de apenas algumas características psicopáticas, além de maior consistência com o TPAS, foram encontradas maiores pontuações em afeto negativo, e identificada capacidade de sentir culpa e remorso (Mokros et al., 2015).

Utilizando o mesmo tipo de análise e com o mesmo objetivo, a partir de uma amostra com prisioneiros de diversos países (Canadá, Estados Unidos da América, Reino Unido, e Países Baixos) sem pontuação mínima no PCL-R para inclusão, foram encontrados quatro grupos: Psicopatas (C1), Agressores insensíveis emocionalmente (C2), Sociopatas (C3) e Agressores-gerais (C4) (Hare, 2016). Destes, apenas aqueles do grupo C1 tiveram pontuação consistente com psicopatia e elevada em todas as facetas. De modo geral, C2 apresentou pontuações mais elevadas nas facetas interpessoal e afetiva, C3 pontuações mais elevadas em estilo de vida e comportamento antissocial, e C4 teve baixas pontuações em todas as facetas (Hare, 2016).

É importante salientar que a despeito do elevado nível de conhecimento estruturado sobre o tema, ocorre um descompasso entre as publicações científicas e a compreensão da psicopatia no senso comum. Com isso, dificulta-se o

encaminhamento social adequado em diferentes esferas a respeito da psicopatia (Tamatea, 2022). A produção de conhecimento popular por leigos acerca da psicopatia em alguns casos pode incidir na estigmatização das pessoas em diferentes realidades, causando potencial dano à pessoa estigmatizada e à sociedade. Por exemplo, comumente não é realizado o encaminhamento clínico para a pessoa que, em casos psicopatológicos (e não psicopáticos), pode demandar por assistência específica para otimizar as condições de adaptação e convívio social (Berryessa et al., 2019; Tremelin et al., 2022).

Em síntese, considera-se que as percepções da população brasileira sobre a psicopatia é um tema ainda desprovido de informações científicas. Há uma lacuna científica de pesquisas voltadas para a percepção pública sobre esta temática que deve ser suprida, com o intuito de otimizar as condições de encaminhamento e assistência psicossocial ao tema (Durand et al., 2019). Por isso, destaca-se a relevância de se compreender a percepção que as pessoas comumente apresentam acerca da psicopatia (Kelley et al., 2019).

Objetivo

O objetivo deste estudo foi identificar a percepção de uma amostra comunitária brasileira acerca da psicopatia, a fim de avaliar as características atribuídas aos psicopatas e de quais fontes são advindos esse conhecimento.

Método

Trata-se de um estudo correlacional com recorte temporal transversal do tipo *ex post facto* (Braun et al., 2021). A coleta de dados foi realizada por meio de instrumento do tipo *survey*, aplicado digitalmente em

plataforma adequada para o delineamento proposto.

Participantes

Participaram desta pesquisa 1.276 indivíduos, sendo 75,9% do gênero feminino, 23,8% do gênero masculino e 0,3% não-binário. A média de idade dos participantes foi de 30,94 anos ($dp = 10,5$), variando de 19 a 78 anos. Mais da metade (54,2%) da amostra afirmou estar solteiro(a), 16,2% em união estável, 23% casado(a) (vínculo reconhecido pelo Estado), 6,2% separado(a)/divorciado(a) e 0,5% viúvo(a). A maioria dos participantes era da região Sul (77,9%) e Sudeste (11,9%), com participações minoritárias da região Norte e Nordeste (10,2%). Quanto à situação profissional dos participantes, a amostra foi composta por 30,7% empregado(as) (carteira assinada), 29,6% estudantes, 22,8% profissionais autônomos(as), 9,2% desempregados (as), 7,3 % empresários(as), 7% estagiários(as), 2% aposentados(as), 2,5% servidores públicos e 5,7 % tendo outras profissões, sendo que era possível assinalar mais de uma opção.

Quase um terço da amostra (29,5%) afirmou estar cursando Ensino Superior, sendo que 20% deles haviam concluído o Ensino Superior, 16,6% Pós-Graduação, 14,7% Mestrado e 11,1% estavam realizando ou já haviam concluído o Doutorado e 9,4% encontravam-se cursando Pós-Graduação. Enquanto 6,6% não concluíram o Ensino Superior, 8% completaram o Ensino Médio, 1,3% não completaram o Ensino Médio, 1,2% possuem o Ensino Fundamental Completo e somente 0,3% não completaram o Ensino Fundamental. Ademais, conforme o Critério de Classificação Econômica Brasil (2019), a maior parte dos participantes apresentou renda familiar a partir de R\$ 5.363,19

(28,5% - B2), seguidos por rendas a partir de R\$ 2.965,69 (24,5% - C1).

Instrumentos

A fim de levantar os dados sociodemográficos, foi utilizado um questionário *online* contendo questões sobre: gênero, idade, grau de escolaridade, estado civil, Estado onde reside, situação socioprofissional e renda mensal familiar. Para identificar a percepção dos participantes acerca da psicopatia, foi elaborado pelos pesquisadores deste estudo um questionário *online* composto por 21 questões, sendo duas questões abertas e 19 questões fechadas, com alternativas de “sim”, “não” e “não sei”. Essas questões buscaram identificar o conhecimento dos participantes sobre a psicopatia, como, por exemplo: se os participantes consideram a psicopatia enquanto "doença mental" ou não; se esta é herdada geneticamente ou não; se existe psicopatia em crianças e adolescentes; se todos psicopatas são criminosos; qual o gênero de maior prevalência entre os psicopatas; de qual maneira os participantes têm acesso a informações sobre psicopatia e quais meios informativos são utilizados; e em quais locais acreditam que se concentram um maior número de psicopatas.

Ademais, em uma das questões abertas, foi solicitado aos participantes que descrevessem até cinco características comportamentais de um psicopata. A formulação das questões que compuseram o questionário foi realizada com base na literatura científica sobre psicopatia (e.g., Hare, 2013; 2016; Hare et al., 2012; Rocha & Busato, 2016; Vasconcellos et al., 2014). Adicionalmente, foi realizada uma análise do questionário por especialistas na temática psicopatia, a fim de efetuar um teste piloto e avaliar o conteúdo e formato das questões.

Os especialistas foram Docentes do departamento de Psicologia Forense da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), os quais já apresentavam um conhecimento científico sobre a temática da psicopatia. O intuito do teste piloto foi para que os especialistas avaliassem o formato e conteúdo das questões, se estavam adequadas e se precisava de ajustes para garantir que fossem compreendidas pelo público em geral.

Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 31426220.20000.8040). Os participantes voluntariamente concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital. Foi assegurado o sigilo e que as respostas seriam utilizadas para fins científicos.

O questionário *online* para a coleta de dados foi disponibilizado por meio de um formulário eletrônico (*Google Forms*). A amostragem foi aleatória, sendo que o convite para participação com *link* para acesso ao questionário foi disponibilizado ao público por meio de compartilhamentos e divulgações em redes sociais e outros meios de comunicação digital. No convite, foi explicado o objetivo da pesquisa e o tempo médio de duração da resposta ao questionário (15 a 20 minutos). O período da coleta foi de 5 meses, ocorrendo entre os meses de setembro de 2020 à janeiro de 2021.

Análise de dados

Os dados foram analisados com o uso do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Neste *software*, foi empregada a análise de classificação hierárquica descendente que associa textos para caracterizar conglomerados com vocabulários semelhantes entre segmentos textuais.

Esses segmentos textuais são transformados em matrizes que cruzam os textos repetidos em termos de expectativa de distribuição das palavras no segmento analisado pela distribuição estatística do qui quadrado (χ^2). Para a interpretação, cada conglomerado representa uma estrutura perceptiva com relativa estabilidade da complexidade do fenômeno que representa (Reinert, 1990), bem como dos agrupamentos lexicais expressados de forma linguística (Hasanovna, 2022).

Aplicou-se também a análise de correspondência para verificar a associação entre segmentos de textos e variáveis categóricas, permitindo analisar os textos registrados de acordo com variáveis de caracterização. Isso possibilita uma forma de apresentação de dados com base nos conglomerados escolhidos. O *software* calcula e fornece os segmentos de texto mais típicos de cada *cluster*, contextualizando-os no plano cartesiano. Esses agrupamentos no plano cartesiano integram vários segmentos de texto de acordo com a distribuição do vocabulário, que podem ser vistos em função de dimensionamentos de oposições entre classes ou formas distintas (Sousa, 2021).

Resultados

As questões buscaram verificar o nível de conhecimento da amostra investigada a respeito do tema psicopatia. Inicialmente, foi realizada uma avaliação prévia sobre o grau de conhecimento dos participantes sobre psicopatia, identificando o quanto eles acreditavam que entendiam sobre psicopatia. Essa inspeção prévia foi fundamental para evitar que a amostra fosse composta especificamente por especialistas, tendo em vista que o estudo buscava a saturação de categorias qualitativas exemplares apresentadas pela população geral acerca da psicopatia

(Sebele-Mpofu, 2020). Sinteticamente, as questões foram respondidas demonstrando, de modo geral, desconhecimento técnico sobre o tema pela amostra. Essas respostas são apresentadas na Tabela 1, com o respectivo percentual de aderência por parte da amostra.

Tabela 1

Nível de conhecimento dos participantes sobre a psicopatia

Questões/Respostas	(%)
Assinale o quanto você acha que entende de psicopatia	
Alguma coisa	49,6%
Pouco	35,5%
Nada	9,0%
Muito	5,9%
Você acha que conseguiria identificar um psicopata?	
Não saberia identificar	56,4%
Acha que conseguiria	21,9%
Não sabe	21,6%
Um psicopata consegue seguir regras sociais?	
Acha que sim	65,0%
Acha que não	23,3%
Não sabem responder	11,4%
Você acha que um psicopata consegue diferenciar o certo do errado?	
Acha que sim	61,0%
Acha que não	22,5%
Não sabem responder	16,0%
A maioria das pessoas que têm psicopatia são homens ou mulheres?	
Homens	63,6%
Não há diferença	34,6%
Mulheres	1,8%
Você acha que existe psicopatia em crianças e adolescentes?	
Acha que sim	87,5%
Acha que não	5,6%
Não sabe responder	7,0%
A psicopatia é uma "doença mental"?	
Acha que sim	64,7%
Acha que não	21,0%
Não sabe responder	14,1%
Acredita que a psicopatia seja hereditária (herdada geneticamente), ou seja, uma pessoa nasce psicopata?	
Não sabe responder	36,2%
Acha que não	33,5%
Acha que sim	30,3%
Um psicopata pode deixar de ser psicopata?	
Acha que não	58,4%
Não sabe responder	30,3%
Acha que sim	11,4%

Após a identificação do nível de conhecimento da amostra, procedeu-se à apreensão dos meios informativos utilizados pelos participantes. Focou-se na identificação dos meios de informação, tendo em vista a possibilidade de nexos dessas fontes informacionais com a desinformação apresentada pela amostra da população investigada. Ao responder quanto aos meios informativos, os participantes afirmaram ter acesso às informações do tema da psicopatia de forma predominante em, respectivamente, filmes e séries (73,5%), internet/Google (62,1%), televisão, rádios e revistas (59,8%), indicando os meios de comunicação de

massa digitais e tradicionais como fontes de informação predominantes. Considerando que os participantes foram, em sua maioria, estudantes, livros (49,4%), artigos científicos (45,8%) e cursos/faculdade (36,6) também foram frequentes meios informativos utilizados. Desta forma, o grau de escolaridade dos participantes pode ter sido uma das variáveis que influenciaram nos resultados obtidos nessa questão em relação aos meios informativos. Vale ressaltar que os participantes poderiam assinalar mais de uma alternativa nessa questão. As respostas dos participantes referentes a essa questão encontram-se exibidas na Tabela 2.

Tabela 2

Questão: Em qual(is) meio(s) informativo(s) você tem mais acesso às informações sobre psicopatia (psicopatas)?

Respostas	(%)
Filmes/Séries	73,5%
Internet/Google	62,1%
Televisão/Rádio/Revistas	59,8%
Livros	49,4%
Artigos científicos/Cartilhas	45,8%
Cursos/Faculdade	36,6%
Redes Sociais (Instagram, Facebook, Twitter)	26,6%
Familiar/Amigo	13,1%
Nenhum meio informativo	13,1%
Experiência própria	0,2%

No que diz respeito a questão aberta sobre as características comportamentais de um psicopata, foi possível identificar três classes de agrupamento com base nas respostas obtidas, mediante a aplicação da análise de classificação hierárquica descendente. A primeira classe foi nomeada de “Psicopatia Fundamentada”, com 38,5% de saturação. A segunda classe foi nomeada como “Psicopatia Pouco Fundamentada”, com 40,3% de saturação.

Notou-se diferenciação entre essas duas classes em razão da polarização afetiva, cuja predominância se apresentou na segunda classe. A terceira classe foi nomeada como “Psicopatia do Senso Comum”, com 21% de saturação, sendo diferenciável das demais ao apresentar características que abrangem de forma comum a psicopatia primária e secundária.

A disposição dessas classes é apresentada na Figura 1.

Figura 1

Classificação hierárquica descendente dos relatos de características sobre psicopatia

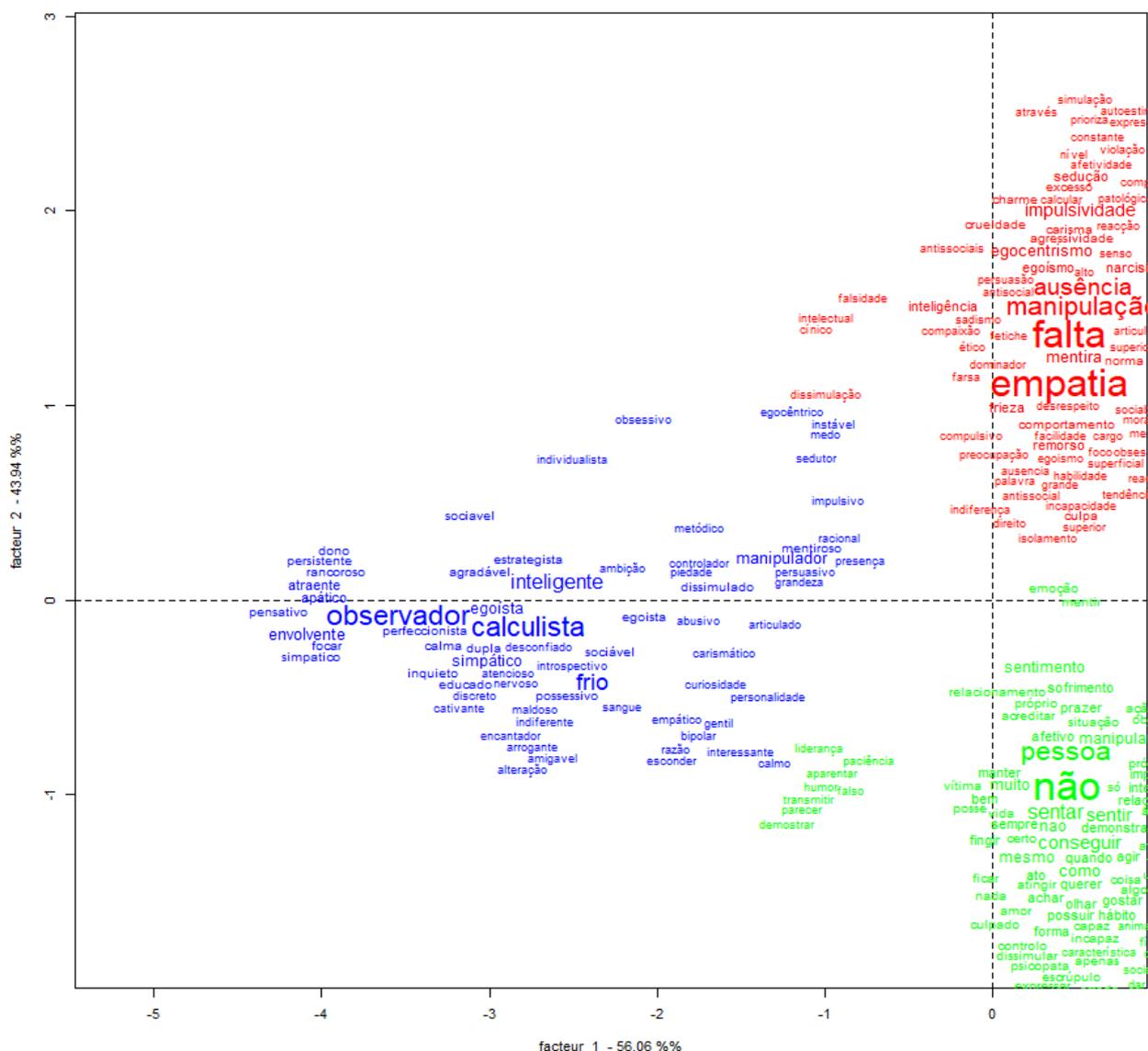


A dinâmica entre as classes supracitadas se torna ainda mais clara na apresentação da análise de correspondência, tendo como base o nível de estigma dos participantes sobre a psicopatia. Utilizou-se como critério para determinação do estigma dos participantes sobre a psicopatia a seguinte questão de segmentação: “Os psicopatas são criminosos”. Os participantes responderam à questão entre “1 = Sempre; 2 = Nunca; 3 = Algumas vezes”. Aqueles que responderam “1 = Sempre” se aproximaram da classe 3 (azul), cujo foco está na “Psicopatia do Senso Comum”. Os

participantes que declararam “2 = Nunca” estiveram mais próximos da classe 1 de “Psicopatia Fundamental”. Por último, as pessoas que responderam “3 = Algumas vezes” demonstraram maior proximidade da classe 2 de “Psicopatia Pouco Fundamental”. Ao traçar no plano o dimensionamento das categorias encontradas em função do nível de conhecimento dos participantes da amostra, é possível notar que as classes 1 (vermelha) e 2 (verde) se opuseram no plano em relação à classe 3 (azul), conforme Figura 2.

Figura 2

Análise de correspondência com base no estigma sobre a psicopatia



Por fim, sobre a questão referente aos ambientes nos quais os participantes acreditavam que se concentram um maior número de psicopatas, notaram-se respostas diversas. A predominância de respostas esteve em ambientes políticos (62,5%), empresas (58,6%), presídios (55,6%) e ambientes religiosos (53,5%) e familiares (53,5%). Essas respostas

indicaram percepções de psicopatia em ambientes próximos e distais aos participantes, demonstrando a presença em diferentes espaços sociais. De forma completa, as respostas apresentadas sobre os ambientes em que a psicopatia se faz mais presente podem ser observadas na Tabela 3.

Tabela 3

Questão: Em qual(is) tipo(s) de ambiente(s) você acredita que se concentrem mais psicopatas?

Respostas	(%)
Meio político	62,5%
Empresas	58,6%
Presídios/Sistemas Penitenciários	55,6%
Ambientes religiosos	53,5%
Ambiente familiar	53,5%
Faculdades/Universidades	34,5%
Escolas	29,4%
Não sabe responder	10,5%
Qualquer lugar	6,7%
Hospitais	0,31%
Jogos de tiro	0,15%
Parques	0,15%
Subempregos	0,07%
Depende do perfil do psicopata	0,07%

Discussão

O objetivo desta pesquisa foi identificar a percepção de uma amostra comunitária brasileira acerca da psicopatia, a fim de avaliar as características atribuídas aos psicopatas e de quais fontes são advindos esse conhecimento. Na questão inicial sobre o quanto os participantes consideravam que entendiam sobre psicopatia, os dados apontaram que pouco mais de um terço dos participantes afirmou ter "pouco" conhecimento acerca do tema, enquanto que quase metade da amostra relatou saber "alguma coisa". No entanto, dada a quantidade de distorções observadas na mídia e na Internet, é possível questionar se estas pessoas possuem, de fato, informação de qualidade.

A Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2020) aponta que a profusão de falsas informações que levam a conteúdos mal interpretados e desinformação é algo a ser combatido, pois podem se configurar em ameaça para a saúde global. Reafirmando o potencial que a desinformação possui de prejudicar a saúde das pessoas, Lewandowsky et al. (2022) definiu a infodemia como a abundância de informações de baixa qualidade, principalmente pela Internet, atingindo espectadores ingênuos. Em

consonância com esta afirmação, encontrou-se que a Internet é a fonte de informação sobre o tema para 62,1% dos respondentes. Embora a presente pesquisa não tenha tratado diretamente de informações sobre saúde, é possível supor que efeitos negativos das desinformações sobre do que realmente se trata a psicopatia podem ser devastadores sobre indivíduos, que, por exemplo, se relacionam com psicopatas (Hare, 2013).

Conforme a percepção dos participantes, esta pesquisa indicou resultados que atravessam características reais (Psicopatia Fundamentada e Pouco Fundamentada) e estigmas gerados pelo midiático (Psicopatia do Senso Comum). Na classe 1 (Psicopatia Fundamentada), conforme observado na Figura 1, constam características correspondentes às que fazem parte do modelo de dois fatores de Hare (2003), e reiteradas por Hare et al. (2022) e Smith et al. (2022), tais como falta de empatia, manipulação, impulsividade, mentira, charme superficial, e ausência de remorso ou culpa. De modo geral, deve-se considerar que algumas respostas dos participantes às questões desta pesquisa podem ter sido influenciadas pelo grau de conhecimento dos mesmos, seja por serem estudantes, possuírem Ensino Superior ou

acima, ou serem profissionais da área da saúde, por exemplo. Considerando que quase um terço da amostra foi composta por universitários, essa foi uma variável que pode ter influenciado nos resultados obtidos, visto que os participantes, de maneira geral, apresentaram um certo conhecimento sobre o tema, ainda que influenciado pelo midiático. Apesar de pouco mais de um terço da amostra ter relatado possuir "pouco" conhecimento sobre o tema, a descrição das características da psicopatia foi, de maneira geral, condizente com a literatura da área (Hare, 2003; Hare et al., 2022; Smith et al., 2022).

Os respondentes também referiram inteligência como uma forma de psicopatia nomeada "Psicopatas manipuladores", que são indivíduos com altas pontuações na PCL-R e com níveis acadêmicos elevados. Esta variável, embora não faça parte do modelo clássico avaliado pela PCL-R, foi observada no estudo descrito por Hare (2016). Já na classe 2 (Psicopatia Pouco Fundamentada), os respondentes apontaram menos comportamentos congruentes com modelos vigentes de psicopatia, dentre os coincidentes estão falta de empatia, mentira e manipulação. Entretanto, apontaram aspectos tais como isolamento, apatia, calculismo e prazer em torturar, que não são referidos nos modelos explicativos vigentes (Hare, 2003; Salekin, 2017).

Quanto à classe 3 (Psicopatia do Senso Comum), foram encontradas palavras que não encontram correspondência em modelos científicos e que parecem partir de observações afastadas de critérios científicos, tais como: calculista, observador, simpático, apático, rancoroso, agradável, estrategista, pensativo e focado. Sendo assim, parece que quanto maior o

nível de estigma, mais as descrições dos participantes da pesquisa se aproximam do senso comum. Por isso a importância de informar corretamente, dando suporte à psicopatia como um padrão que gera sofrimento nas relações interpessoais (Hare, 2013; Hare et al., 2022; Mathieu, 2022), e que se relaciona a níveis mais altos de reincidência criminal e danos sociais (DeLisi et al., 2022; Hare, 2016). Ainda, a psicopatia é um importante preditor do comportamento criminoso em geral (Hyde et al., 2022).

No que diz respeito à existência ou não de psicopatia em crianças e adolescentes, parte significativa da amostra respondeu afirmativamente (Tabela 2). A literatura aponta que é possível identificar traços indicadores de psicopatia ainda na infância e na adolescência, podendo ser, portanto, detectados de maneira precoce (Barra et al., 2022). Contudo, ressalta-se que a presença de traços de psicopatia em crianças e adolescentes não irá estabelecer um diagnóstico clínico, mas sim uma identificação de maneira precoce que poderá possibilitar compreender os principais fatores de desenvolvimento e de risco, além de possíveis intervenções precoces (Farrington, 2005; Rocha & Busato, 2016). Por exemplo, um estudo brasileiro (Lühning et al., 2014) utilizou a escala PCL:YV com adolescentes infratores e os dados revelaram uma associação do maior consumo de substâncias e a idade de início do consumo com traços psicopáticos.

Em relação à questão investigada sobre a psicopatia ser ou não uma "doença mental", a prevalência das respostas obtidas pelos participantes foi afirmativa (Tabela 2). Respostas similares a estas foram apontadas na pesquisa de Hidalgo e Serafim (2016), com dados obtidos pela população em geral, os quais afirmaram que

os psicopatas são pessoas com “transtornos mentais”. Cabe ressaltar que o construto da psicopatia envolve comportamentos diversos e variações de traços de personalidade, sendo que o indivíduo com psicopatia sabe discernir suas escolhas. Assim, a psicopatia é um construto complexo, sendo compreendida enquanto um padrão de comportamento (Rocha & Busato, 2016). Desta forma, a psicopatia é considerada um construto multidimensional (Hidalgo & Serafim, 2016), sendo este fator importante para fins de afastamento do estigma jurídico associado à periculosidade (Rocha & Busato, 2016).

Sobre os locais nos quais os respondentes acreditam que se concentram mais psicopatas (Tabela 3), majoritariamente citaram meio político, empresas, presídios/ sistemas penitenciários, ambientes religiosos e ambiente familiar. Parece válido notar que, sendo a relação supostamente intrínseca entre crime e psicopatia altamente difundida pela mídia, não causa estranhamento que “presídios” configurem-se dentre os locais citados. Entretanto, estudos sobre traços psicopáticos no meio político e empresarial ainda são tímidos (Benning et al., 2018; Lilienfeld et al., 2014) apesar de promissores, assim como pesquisas sobre líderes religiosos.

Hare (2013) descreve que em ambientes de trabalho, como o meio político e empresarial, os psicopatas podem apresentar questões como a manipulação, frieza e enganação. Assim, uma vez inseridos nesses ambientes, podem articular estratégias para adquirir seus ganhos, não apresentando nenhuma restrição para alcançar seus objetivos. Além disso, independente do ambiente, os psicopatas poderão apresentar essa facilidade em se adaptar e se familiarizar com o que o ambiente está apresentando ou

exigindo. Assim, pode-se afirmar que, seja em ambientes políticos, empresariais ou em qualquer outro, os psicopatas podem não apresentar dificuldades de inclusão (Hare, 2013).

Quanto à percepção dos participantes sobre a presença de psicopatas também nos ambientes familiares e religiosos, nota-se que psicopatas podem inicialmente aparentar serem confiáveis, pois usam de charme e manipulação (Lilienfeld et al., 2019). Sendo assim, conseguem vivenciar relações sociais, mas podem ser incapazes de se adaptar a elas e mantê-las à longo prazo (Garrido, 2005). Por terem uma menor responsividade às emoções alheias, os psicopatas apresentam maior probabilidade de agir contra as pessoas com quem mantém interações sociais, além de apresentarem déficits no reconhecimento de emoções negativas, como medo e tristeza (Hare, 2016; Vasconcellos et al., 2014). Como mencionado anteriormente, a capacidade do psicopata em sentir emoções é empobrecida, o que faz com que esses sintam superficialmente afeto ou emoção por outras pessoas. Por isso, geralmente se aproximam das pessoas com o intuito de interesses pessoais e benefícios próprios, se afastando quando for de seu interesse e não as mantendo mais por perto (Hare, 2013).

Interessante notar que, ainda que baseados no conhecimento do senso comum, muitas respostas apontaram para a presença de psicopatas no meio político. Resta a hipótese de que este fato poderia estar relacionado à capacidade destes indivíduos de seguirem regras sociais. Entretanto, mesmo tendo passado por experiências sociais, os psicopatas ainda assim não conseguem desenvolver a consciência moral necessária para seguirem as regras utilizadas para viver em sociedade (Hare, 2013). Assim, se sentem

livres para fazer o que quiserem, pois para os psicopatas as regras sociais existentes em nossa sociedade não passam de meras formalidades e estes não apresentam o menor receio ou culpa em quebrá-las (Hare, 2013), o que é possível observar diariamente por parte de alguns governantes.

Considera-se que, no senso comum, ainda se acredita que, de modo geral, todo psicopata é criminoso (Malatesti et al., 2022). Em contrapartida, os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram que parte significativa da amostra discorda dessa afirmação, o que condiz com a literatura da área (Hare et al., 2019). Apesar de estar associada ao comportamento criminoso (Swogger et al., 2010), a psicopatia não apresenta relação direta com a criminalidade (Hare et al., 2019; Hidalgo & Serafim, 2016; Rocha & Busato, 2016). Os psicopatas buscam atingir seus objetivos e satisfazer os seus desejos e não, necessariamente, irão cometer crimes (Hare, 2013). Por isso, pode-se afirmar que não necessariamente todo psicopata é um criminoso, tal qual como nem todo criminoso é psicopata.

Considerações Finais

O presente estudo possibilitou a identificação de como uma amostra da população brasileira compreende o construto da psicopatia e de que maneira os participantes se informam acerca do tema. Considerando o tamanho significativo da amostra obtida, foi possível observar que parte da população brasileira apresenta um considerável interesse pelo tema. Isso demonstra que a procura de informações sobre a temática é constantemente realizada por esse público e ocorre de maneira recorrente, conforme os resultados obtidos neste estudo. Além disso, para

estudos futuros, recomenda-se que a distinção entre os conceitos de *serial killers* e psicopatas seja melhor investigada.

Entre as limitações desta pesquisa, apontam-se as variáveis sociodemográficas no que se refere ao gênero e grau de escolaridade, uma vez que parte significativa da amostra foi do gênero feminino e os participantes foram, em sua maioria, universitários. Uma vez que a maioria dos participantes estava cursando ou havia completado o Ensino Superior, a alta escolaridade da amostra foi um fator limitante da pesquisa. Por isso, recomenda-se que pesquisas futuras obtenham amostras com características sociodemográficas mais igualitárias, principalmente quanto ao gênero e à escolaridade, e que consigam abranger, igualmente, outros Estados brasileiros. Além disso, sugere-se também investigar especificamente as áreas de atuação profissional dos participantes e suas respectivas áreas de conhecimento, se são profissionais da saúde ou exatas, por exemplo, pois essas variáveis podem influenciar o grau de conhecimento dos participantes quanto ao tema.

Nesta seara, considera-se a necessidade de divulgação dos dados científicos obtidos em pesquisas sobre psicopatia para a população brasileira, visando minimizar o estigma cultural que foi formado ao decorrer das décadas e possibilitando o acesso a tais informações no que se refere à definição e caracterização científica do construto. Por exemplo, a conscientização sobre a temática, baseada em dados científicos, pode ser promovida por meio de desenvolvimento de materiais educativos, como vídeos explicativos e infográficos, campanhas de conscientização, treinamentos e capacitações para profissionais de saúde mental e

educadores, entrevistas com especialistas e divulgação em meios de comunicação, como programas de televisão, rádio e redes sociais.

De forma mais ampla, o estudo pode contribuir para que se identifique lacunas de desinformação sobre o tema, a fim de que se criem estratégias mais eficientes para informar o público sobre a psicopatia, com vistas a dirimir a estigmatização social que a desinformação pode gerar para a população-chave da temática.

Referências

- American Psychiatric Association. (2022). Neurodevelopmental disorders. In *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V TR)* (5th ed., text rev.). American Psychiatric Association.
- Barra, S., Aebi, M., D'Huart, D., Schmeck, K., Schmid, M., & Boonmann, C. (2022). Adverse childhood experiences, personality, and crime: distinct associations among a high-risk sample of institutionalized youth. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(3). <https://doi.org/10.3390/ijerph19031227>
- Benning, S. D., Venables, N. C., & Hall, J. R. (2018). Successful psychopathy. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 585–608). The Guilford Press.
- Berryessa, C. M., & Wohlstetter, B. (2019). The psychopathic “label” and effects on punishment outcomes: A meta-analysis. *Law and Human Behavior*, 43(1), 9–25. <https://doi.org/10.1037/lhb0000317>
- Blackburn, R. (2006). Other theoretical models on psychopathy. In C.J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 35-57). Guilford Press.
- Braun, V., Clarke, V., Boulton, E., Davey, L., & McEvoy, C. (2021). The online survey as a qualitative research tool. *International Journal of Social Research Methodology*, 24(6), 641-654. <https://doi.org/10.1080/13645579.2020.1805550>
- Cleckley, H. M. (1988). *The Mask of Sanity* (5a ed.). Mosby.
- Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). (2019). *Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa* (ABEP). <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- De Brito, S. A., Forth, A. E., Baskin-Sommers, A. R., Brazil, I. A., Kimonis, E. R., Pardini, D., Frick, P.J., Blair, R. J. R., & Viding. (2021). Psychopath. *Nature Reviews Disease Primers*, 7(1), 1-21. <https://doi.org/10.1038/s41572-021-00282-1>
- DeLisi, M., & Fox, B. (2022). Psychopathy is integral to understanding homicide and violence. In P. B. Marques, M. Paulino, & L. Alho. (Eds.), *Psychopathy and Criminal Behavior: Current Trends and Challenges* (pp. 357-367). Elsevier Inc. Academic Press.
- Durand, G., Metcalfe, R. E., & Arbone, I.-S. (2019). Affinity between us: Examining how psychopathic traits influence the stigmatization of psychiatric disorders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 10(6), 551–556. <https://doi.org/10.1037/per0000362>
- Farrington, D. (2005). Childhood Origins of Antisocial Behaviour. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 12, 177-190. <http://doi.org/10.1002/cpp.448>
- Forth, A. E., Kosson, D. S., & Hare, R. D. (2003). *Hare Psychopathy Youth Version manual*. Multi-Health Systems.
- Frick, P. J., & Hare, R. D. (2001). *The Antisocial Process Screening Device*. Multi-Health Systems.
- Garrido, G. V. (2005). *El psicópata: un camaleón en la sociedad actual*. Algar.
- Gomes, C. C., & Almeida, R. M. M. (2010). Psicopatia em homens e mulheres. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 62(1), 13-21. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100003&lng=pt&tlng=pt
- Guay, J.-P., Knight, R. A., Ruscio, J., & Hare, R. D. (2018). A taxometric investigation of psychopathy in women. *Psychiatry Research*, 261, 565-573. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.01.015>
- Hare, R. D. (1970). *Psychopathy: Theory and Research*. Wiley.
- Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1, 111-119. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(80\)90028-8](https://doi.org/10.1016/0191-8869(80)90028-8)
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist – Revised*. Multi-health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd ed.). Multi-Health Systems.

- Hare, R. D. (2013). *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. Artmed.
- Hare, R. D. (2016). Psychopathy, the PCL-R, and Criminal Justice: Some New Findings and Current Issues. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 57, 21–34. <https://doi.org/10.1037/cap0000041>
- Hare, R. D., Neumann, C. S., & Widiger, T. A. (2012). Psychopathy. In T. A. Widiger (Ed.), *The Oxford Handbook of Personality Disorders* (pp. 478-504). Oxford University Press.
- Hare, R. D., Neumann, C.S., & Mokros, A. (2019). The PCL-R Assessment of Psychopathy: Development, Properties, Debates, and New Directions. In C.J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (2nd ed., pp. 39-79). The Guilford Press.
- Hare, R. D., León-Mayer, E., Salinas, J. R., Folino, J., & Neumann, C.S. (2022). Psychopathy and crimes against humanity: a conceptual and empirical examination of human rights violators. *Journal of Criminal Justice*, 81, 1-17. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2022.101901>
- Hasanovna, D. M. (2022). Aspectual and lexical-semantic classification of verbs. *Open Access Repository*, 8(2), 116-121. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/BXDHT>
- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 337-346. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300006&lng=pt&tlnq=pt
- Hidalgo, N. Q., & Serafim, A. P. (2016). Psicopatia: O que as Pessoas Sabem de Fato Sobre este Conceito. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 24(2), 11–20. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v24n2p11-20>
- Hyde, L. W., & Dotterer, H. L. (2022). The nature and nurture of callous-unemotional traits. *Current Directions in Psychological Science*, 31(6), 09637214221121302. <https://doi.org/10.1177/09637214221121302>
- Jesuino, A. D. S. A., Cortez, P. A., Lima-Costa, A. R., Bonfá-Araujo, B., & Valentini, F. (2021). Antisocial behavior: taxometric and latent profile evidence among Brazilian drivers. *Trends in Psychology*, 29(3), 534-542. <http://doi.org/10.1007/s43076-021-00067-1>
- Kelley, S. E., Edens, J. F., Mowle, E. N., Penson, B. N., & Rulseh, A. (2019). Dangerous, depraved, and death-worthy: A meta-analysis of the correlates of perceived psychopathy in jury simulation studies. *Journal of Clinical Psychology*, 75(4), 627-643. <https://doi.org/10.1002/jclp.22726>
- Lewandowsky, S., Armaos, K., Bruns, H., Schmid, P., Holford, D. L., Hahn, U., Al-Rawi, A., Sah, S., & Cook, J. (2022). When Science Becomes Embroiled in Conflict: Recognizing the Public's Need for Debate while Combating Conspiracies and Misinformation. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 700(1), 26–40. <https://doi.org/10.1177/00027162221084663>
- Lilienfeld, S. O., Latzman, R.D., Watts, A.L., Smith, S.F., & Dutton, K. (2014). Correlates of psychopathic personality traits in everyday life: results from a large community survey. *Frontiers in Psychology*, 5, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00740>
- Lilienfeld, S. O., Watts, A. L., Smith, S. F., Patrick, C. J., & Hare, R. D. (2018). Hervey Cleckley: Contributions to the Study of Psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(6), 510–520. <http://doi.org/10.1037/per0000306>
- Lilienfeld, S. O., Watts, A. L., Murphy, B., Costello, T. H., Bowes, S. M., Smith, S. F., Latzman, R. D., Haslam, N., & Tabb, K. (2019). Personality disorders as emergent interpersonal syndromes: Psychopathic personality as a case example. *Journal of Personality Disorders*, 33(5), 577–622. <https://doi.org/10.1521/pedi.2019.33.5.577>
- Lühning, G., Gauer, G., Vasconcellos, S., Davóglío, T., Silva, L., & Navarrette, S. S. (2014). Correlação entre traços de psicopatia e abuso de drogas em uma amostra de adolescentes brasileiros em conflito com a lei. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 2(1), 29-39. <http://doi.org/10.18316/1226>
- Malatesti, L., McMillan, G., & Šustar, P. (2022). *Psychopathy: Its Uses, Validity and Status*. Springer.
- Mathieu, C. (2022). Psychopathy and corporate crime. In P. B. Marques, M. Paulino, & L. Alho. (Eds.), *Psychopathy and Criminal Behavior: Current Trends and Challenges* (pp. 403-421). Elsevier Inc. Academic Press.
- Mokros, A., Hare, R. D., Neumann, C. S., Santtila, P., Habermeyer, E., & Nitschke, J. (2015). Variants of psychopathy in adult male offenders: A latent profile analysis. *Journal of*

- Abnormal Psychology*, 124(2), 372–386.
<https://doi.org/10.1037/abn0000042>
- Neumann, C. S., Hare, R. D., & Pardini, D. A. (2015). Antisociality and the Construct of Psychopathy: Data From Across the Globe. *Journal of Personality*, 83(6), 678–692.
<https://doi.org/10.1111/jopy.12127>
- Reinert, M. (1990). Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. *Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 26(1), 24-54.
<https://doi.org/10.1177%2F075910639002600103>
- Rocha, G. V. M., & Busato, P. C. (2016). Psicopatia: um polêmico e imprescindível diálogo entre o Direito e a ciência do comportamento. In P. I. C. Gomide & S. S. S. Júnior (Eds.). *Introdução à Psicologia Forense* (pp. 217-234). Juruá.
- Salekin, R. T. (2017). Research review: What do we know about psychopathic traits in children? *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(11), 1180–1200.
<https://doi.org/10.1111/jcpp.12738>
- Sanz-García, A., Gesteira, C., Sanz, J., & García-Vera, M. P. (2021). Prevalence of Psychopathy in the General Adult Population: A Systematic Review and Meta-analysis. *Frontiers in Psychology*, 12(1).
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661044>
- Sebele-Mpofu, F. Y. (2020). Saturation controversy in qualitative research: Complexities and underlying assumptions. A literature review. *Cogent Social Sciences*, 6(1).
<https://doi.org/10.1080/23311886.2020.1838706>
- Silva, A. G. M., Mõnego, B. G., & Andretta, I. (2019). Traços de Personalidade Psicopática e a associação com Empatia e Contágio Emocional. *Interação em Psicologia*, 23(2), 167-176.
<http://doi.org/10.5380/psi.v23i02.57545>
- Smith, J. M., Gacone, C.B., & Kivisto, A. (2022). Practical considerations for the clinical and forensic use of psychopathy. In P. B. Marques, M. Paulino, & L. Alho. (Eds.), *Psychopathy and Criminal Behavior: Current Trends and Challenges* (pp. 1-16). Elsevier Inc. Academic Press.
- Sousa, Y. S. O. (2021). O uso do software Iramuteq: fundamentos de lexicometria para pesquisas qualitativas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(4), 1541-1560.
<https://doi.org/10.12957/epp.2021.6403>
- Swogger, M. T., Walsh, Z., Lejuez, C. W., & Kosson, D. S. (2010). Psychopathy and Risk Taking among Jailed Inmates. *Criminal Justice and Behavior*, 37(4), 439-452.
<http://doi.org/10.1177/0093854810361617>
- Tamatea, A. J. (2022). Humanizing psychopathy, or what it means to be diagnosed as a psychopath: Stigma, disempowerment, and scientifically-sanctioned alienation. In L. Malatesti, J. MacMillan, & P. Sustar (Eds.), *Psychopathy* (pp. 19-41). Springer.
- Tremlin, R. C., & Beazley, P. (2022). A systematic review of offender mental health stigma: commonality, psychometric measures, and differential diagnosis. *Psychology, Crime & Law, Preprint*, 1-25.
<https://doi.org/10.1080/1068316X.2022.2072842>
- Vasconcellos, S. J. L., Salvador-Silva, R., Dias, A. C., Davoglio, T., & Gauer, G. (2014). Psicopatia e reconhecimento de expressões faciais de emoções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 125-134.
<http://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200001>
- World Health Organization (2020, 18 de Agosto). *Joint call for papers – Special issues on Infodemiology*. World Health Organization.
<https://www.who.int/news-room/articles-detail/joint-call-for-papers-special-issues-on-infodemiology>

Received December 07, 2023

Revision February 21, 2024

Accepted March 1, 2024

Copyright: © 2024 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).